

**FACULDADE GUAIRACÁ
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

DAIANE CRISTINA ZOCHE

**VÍRUS PAPILOMA HUMANO E O CONHECIMENTO DO ADOLESCENTE: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

GUARAPUAVA/PR

2018

DAIANE CRISTINA ZOCHE

**VÍRUS PAPILOMA HUMANO E O CONHECIMENTO DO ADOLESCENTE: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para à
obtenção do título de Bacharel, do Curso de
Enfermagem, da Faculdade Guairacá.

Orientadora: Prof^a. Ms. Angélica Yukari
Takemoto

GUARAPUAVA/PR

2018

DAIANE CRISTINA ZOCHE

**VÍRUS PAPILOMA HUMANO E O CONHECIMENTO DO ADOLESCENTE: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado como requisito para a obtenção do título de bacharel, da Faculdade Guairacá, do Curso de Enfermagem.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Ms. Angélica Yukari Takemoto
Faculdade Guairacá

Prof.
Faculdade Guairacá

Prof.
Faculdade Guairacá

Guarapuava, ___ de _____ de 2018.

Dedico esse trabalho a minha família, em especial, aos meus pais, que sempre me apoiaram e não mediram esforços para que eu continuasse nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e sabedoria que me concedeu para conclusão deste trabalho.

Agradeço também aos meus pais, que compreenderam os momentos de ausência. Pelo apoio, coragem e também pelos puxões de orelha que me deram para que eu não desistisse. A minha mãe, em especial, agradeço também por todos os dias que me esperou chegar da faculdade com lanchinhos gostosos no meio das madrugadas. E ao meu pai, agradeço por ser a rocha que edifica nossa família e o porto seguro que sempre podemos recorrer.

Agradeço a minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha por enfrentarem as viagens da orientação comigo, tornando o caminho menos árduo.

Agradeço aos meus amigos, pela compreensão da ausência, pelo incentivo e pela paciência que tiveram comigo todas as vezes que tive crises existenciais e também por todas as vezes que vieram comigo a Guarapuava. E aos amigos que me acolheram em Guarapuava, para que eu pudesse fazer meus estágios e diminuíssem a dificuldade de estar fora de casa.

Agradeço aos colegas de trabalho que me inspiram diariamente a seguir os passos desta profissão tão especial.

Agradeço a todos os professores e mestres que encontrei na faculdade, que me ensinaram lições que levarei pela vida toda.

Agradeço, em especial, a minha orientadora Angélica Yukari Takemoto, principalmente pela paciência que teve comigo e por todo conhecimento a mim repassado.

"O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes".

(Cora Coralina)

RESUMO

A adolescência é caracterizada pelo período de transição da infância para a vida adulta. Nessa fase, ocorrem mudanças importantes e com elas vem as dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade. A iniciação precoce da vida sexual e a falta de informação sobre os métodos de barreira expõem os jovens às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como o Vírus Papiloma Humano (HPV). Dessa forma, considerando a importância deste conhecimento pelo adolescente, este estudo tem como objetivo identificar a produção científica disponível sobre o conhecimento do adolescente sobre o Vírus Papiloma Humano. Para a obtenção dos resultados, optou-se pela revisão integrativa da literatura, realizada no mês de abril de 2018, a partir de artigos científicos em português e espanhol, disponíveis na íntegra na base de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências e Saúde) e BDEF (Bases de Dados em Enfermagem). Como descritores para a seleção dos artigos elegeu-se a combinação dos seguintes: HPV, adolescente e enfermagem. Por meio dos critérios de inclusão/exclusão pré-estabelecidos, foram encontradas sete referências, na qual se realizou a análise e discussão dos dados. Após a leitura dos artigos selecionados, foram identificadas três categorias, as quais foram comparadas com a literatura disponível sobre o tema, são elas: O Conhecimento dos Adolescentes Sobre o HPV; A Importância das Influências Sociais para o Conhecimento do HPV e A Prática de Educação em Saúde como Ferramenta Auxiliar no Controle do HPV. Por meio dos resultados obtidos, fica nítido a falta de conhecimento dos adolescentes perante aos métodos preventivos, às IST e o HPV. Nessa busca por conhecimento, notam-se falhas dos setores responsáveis por essa educação sexual e a necessidade da inovação dos métodos de educação em saúde utilizados na abordagem aos adolescentes. Também vê-se a necessidade do trabalho multidisciplinar entre o profissional da área de educação e o profissional de saúde, representado pelo enfermeiro, já que estes são fontes de informação e conscientização para os métodos de prevenção contra à infecção pelo HPV.

Palavras-Chaves: Papillomaviridae. Adolescente. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Enfermagem.

ABSTRACT

Adolescence is characterized by the transition period from childhood to adulthood. At this stage, important changes occur and with them come the doubts and curiosities about sexuality. Early sexual initiation and lack of information on barrier methods exposes young people to Sexually Transmitted Infections (STIs), such as the Human Papilloma Virus (HPV). Thus, considering the importance of this knowledge by the adolescent, this study aims to identify the available scientific production on the knowledge of the adolescent about the Human Papilloma Virus. In order to obtain the results, we opted for an integrative review of the literature, carried out in April 2018, based on scientific articles in Portuguese and Spanish, available in full in the LILACS (Latin American and Caribbean Literature) database. Sciences and Health) and BDEF (Databases in Nursing). As descriptors for the selection of articles, a combination of the following was chosen: HPV, adolescent and nursing. By means of the pre-established inclusion / exclusion criteria, seven references were found, in which data analysis and discussion were performed. After reading the selected articles, three categories were identified, which were compared with the available literature on the topic: The Knowledge of Adolescents About HPV; The Importance of Social Influences for the Knowledge of HPV and the Practice of Health Education as an Assisting Tool in the Control of HPV. By means of the obtained results, the lack of knowledge of the adolescents before the preventive methods, the IST and the HPV is clear. In this search for knowledge, we note failures of the sectors responsible for this sex education and the need to innovate the methods of health education used to approach adolescents. It is also seen the need for multidisciplinary work between the education professional and the health professional, represented by the nurse, since these are sources of information and awareness for methods of prevention against HPV infection.

Key Words: Papillomaviridae. Adolescent. Sexually Transmitted Diseases. Nursing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Organograma para a Seleção dos Artigos – Base de Dados LILACS.....	22
Figura 2	Organograma para a Seleção dos Artigos – Base de Dados BDENF.....	22
Figura 3	Formação das Categorias Temáticas.....	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Apresentação dos Artigos Seleccionados para o Estudo.....	24
----------	---	----

LISTAS DE SIGLAS

BDEF	Bases de Dados em Enfermagem
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HPV	<i>Human Papiloma Virus</i>
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	17
2.1	OBJETIVO GERAL.....	17
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
3	MÉTODO	18
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	18
3.2	QUESTÃO NORTEADORA DO ESTUDO.....	19
3.3	LOCAIS DO ESTUDO.....	19
3.4	CRITÉRIOS PARA INCLUSÃO E/OU EXCLUSÃO DOS ESTUDOS....	19
3.5	INSTRUMENTO PARA A COLETA DOS DADOS.....	20
3.6	ANÁLISE DOS DADOS.....	20
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4.1	ORGANOGRAMA PARA A SELEÇÃO DOS ARTIGOS.....	22
4.2	APRESENTAÇÃO DA SÍNTESE DOS ARTIGOS INCLUÍDOS NA REVISÃO INTEGRATIVA.....	23
4.3	CATEGORIZAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS.....	26
4.3.1	O Conhecimento dos Adolescentes Sobre o HPV	26
4.3.2	A Importância das Influências Sociais para o Conhecimento do HPV	29
4.3.3	A Prática de Educação em Saúde como Ferramenta Auxiliar no Controle do HPV	31
5	CONCLUSÕES	35
	REFERÊNCIAS	37
	ANEXO	40

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada pelo período de transição da infância para a vida adulta. No Brasil, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consideram-se adolescentes cuja faixa etária estende-se entre 12 a 18 anos. Nessa fase, há uma mudança hormonal e comportamental importante causada pela puberdade (POTTER; PERRY, 2013). É durante essa fase da vida que se busca a autonomia, a afirmação da personalidade, a aceitação social e a evidência dos comportamentos afetivos e sexuais (ROEHRS; MAFTUM; ZAGONEL, 2010).

É durante a adolescência que surgem as dúvidas e descobertas sobre a sexualidade. Porém, o tema sexualidade tornou-se um assunto tratado de forma banalizada nas mídias sociais que faz com que a maioria dos jovens acredite dominar o assunto tanto na sua teoria como na prática (BOUZAS; PACHECO; EISENSTEIN, 2004).

Além disso, em algumas famílias, o tema sexo por vezes é considerado um assunto proibido de ser mencionado, fazendo com que os jovens busquem informações fora de casa. Estas informações podem estar erradas ou, ainda, o adolescente deixa de esclarecer suas dúvidas por sentir-se inseguro ou constrangido em abordar este tema com uma pessoa que não é de seu convívio diário (KRABBE et al., 2016). Essa falta de informação expõe os adolescentes para a gravidez indesejada e às infecções sexualmente transmissíveis (IST).

As IST constituem um importante agravo de saúde pública, uma vez que são responsáveis por desencadear impacto na qualidade de vida das pessoas, nas relações pessoais, familiares e sociais. Atualmente, atinge cada vez mais a população jovem, entre 15 a 21 anos de idade (ARAUJO et al., 2012; BRASIL, 2015).

São vários os fatores de riscos que proporciona a vulnerabilidade desse grupo. Um deles é o início da vida sexual precoce e em muitos casos desprotegida, que torna esses adolescentes portadores e transmissores de muitas doenças como: sífilis, gonorréia, hepatite B e C, herpes e cancro mole. Algumas dessas doenças ocasionam sérios problemas de saúde e se não tratados adequadamente levam ao óbito (AMORAS; CAMPOS; BESERRA, 2015).

De acordo com Brasil (2015), mundialmente, a sífilis gestacional causa aproximadamente 300.000 mortes fetais e neonatais por ano e coloca 215.000

recém-nascidos em risco de óbito prematuro, baixo peso ao nascimento ou sífilis congênita. Por outro lado, a infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV, do inglês, *Human Papiloma Virus*) causa 530.000 casos de câncer de colo uterino e 275.000 mortes por ano. Estes dados revelam a importância epidemiológica das IST no campo da saúde coletiva.

Especificamente sobre o HPV, este vírus pertence à família dos Papovavírus ou *Papovaviridae*, sendo responsável pela infecção de transmissão sexual, conhecida como condiloma acuminado, verruga genital ou também crista de galo. Atualmente, mais de 200 tipos de HPV já foram descritos, sendo os subtipos 16 e 18 os mais associados aos cânceres causados por este vírus, especialmente, o câncer de colo de útero (OLIVEIRA et al., 2003; BRASIL, 2006).

Entretanto, assim como a maioria das IST, grande parte dos tipos de HPV é considerada assintomática. Pelo menos 10% das mulheres estão infectadas pelo vírus. Com a falta de cuidado necessário, acabam sendo diagnosticadas tardiamente com câncer de colo uterino (PEREIRA et al., 2016). Vale lembrar que além do câncer de colo do útero (terceiro mais comum do mundo), o HPV é responsável também pelo desenvolvimento de cânceres na cavidade oral, orofaringe e anorretal (ZANINI et al., 2017).

Dessa forma, apesar do pouco conhecimento do vírus pela população brasileira, a infecção pelo HPV tem ganhado destaque dentre as IST mais comum no mundo. Acredita-se que uma em cada cinco mulheres é portadora do vírus. Além disso, estudos comprovam que 80% das mulheres sexualmente ativas serão infectadas por um ou mais tipos de HPV em algum momento de suas vidas (SILVA et al., 2017).

A infecção pelo vírus HPV decorre principalmente pelo contato sexual sem proteção, que permite a penetração do vírus na camada profunda do epitélio. Porém, pode ocorrer também pelo contato direto ou indireto com lesões em outras partes do corpo, bem como a ocorrência da transmissão vertical durante a gestação ou o contágio durante o parto (ABREU et al., 2018).

Nesse contexto, quando se trata da prevenção de IST, o conhecimento é a ferramenta mais eficaz. Não somente o conhecimento sobre os métodos de prevenção, mas sim, o conhecimento sobre cada doença. Conhecer as causas, os sintomas e a forma de tratamento pode influenciar diretamente no pensamento sobre as consequências de uma atitude sexual irresponsável.

Em se tratando de adolescentes, esta prática de educação em saúde deve ser inserida em todos os âmbitos da juventude, abordando temas sobre saúde sexual e reprodutiva, esclarecendo as dúvidas, diminuindo os medos e minimizando a possibilidade de estigmas e preconceitos (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

Além de trabalhar o assunto diretamente com os jovens e adolescentes, nota-se a necessidade de abordar o tema também com os familiares dos mesmos, já que existe a dificuldade de alguns pais tratarem o tema, seja por vergonha ou até mesmo pela falta de domínio no assunto. Nesse momento, os adolescentes procuram a sua referência mais próxima de educação que são os professores. Porém, estes não se sentem preparados para assumir tal função. Dessa forma, o enfermeiro torna-se a pessoa mais habilitada para suprir a deficiência da informação (BARRETO; SANTOS, 2009).

Como o assunto sexualidade entre os jovens e adolescentes ainda é cercada por tabus e estigmas, cabe ao profissional de enfermagem, através da educação em saúde, esclarecer a este público a importância do cuidado com a saúde sexual e do uso de métodos de proteção e/ou contracepção (CIRINO; NICHIATA; BORGES, 2010).

O enfermeiro também se torna essencial no combate ao HPV, não só através da prática de educação em saúde, mas também para auxiliar no diagnóstico, já que o exame preventivo Papanicolaou pode detectar a presença do vírus. Este exame consiste na coleta do material do colo uterino que é enviado para análise (PANOBIANCO et al., 2013).

De modo complementar,:

o exame de Papanicolaou consiste no estudo das células descamadas esfoliadas da parte externa (ectocérvice) e interna (endocérvice) do colo do útero e é atualmente o meio mais utilizado na rede de atenção básica à saúde por ser indolor, barato, eficaz e poder ser realizado em qualquer lugar por qualquer profissional treinado. Esse exame é oferecido gratuitamente pelos municípios e estado e Governo Federal através do Ministério da Saúde por meio do programa nacional de controle do câncer do colo do útero. Seu objetivo é reduzir a morbimortalidade para o referido câncer, suas repercussões físicas, psíquicas e sociais na mulher brasileira (BEZERRA et al., 2005, p. 144).

Dados epidemiológicos revelam que, quanto menor a idade, maior a probabilidade de não realização do exame. Além da menor idade, outros fatores

condicionantes para a baixa adesão ao Papanicolaou, como a cor parda ou preta, a precária inserção social (baixa escolaridade e pequeno valor de renda familiar) e a não presença do companheiro (CESAR et al., 2003).

Outro estudo realizado com mulheres que estavam realizando o Papanicolaou pela primeira vez apontou que são muitos os motivos que as influenciam a não realizar o exame. Entre eles estão: desconhecimento do câncer de colo uterino, da técnica e da importância do exame preventivo, medo na realização do exame, medo de se deparar com resultado positivo para o câncer, sentimento de vergonha e constrangimento e, por fim, dificuldades para realizar o exame, incluindo tanto a dificuldade de acesso ao serviço quanto motivos relacionados ao papel da mulher no cuidado com a casa e os filhos (FERREIRA, 2009).

Além do exame Papanicolaou, no Brasil, atualmente, existe disponível na rede pública de saúde, a vacina que atua de maneira profilática. Esta vacina é indicada para jovens e adolescentes antes da primeira relação sexual e contraindicada para gestantes, embora os estudos nunca tenham encontrado efeitos adversos nas gestantes, fetos ou recém-nascidos (ZARDO et al., 2014). Adicionalmente, além da profilaxia, a vacina pode ser utilizada de forma terapêutica, devido à sua capacidade de induzir a regressão de lesões precursoras do câncer (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011).

Entretanto, apesar da distribuição gratuita, observa-se a baixa adesão dos adolescentes para a aplicação da vacina contra o HPV. Em estudo realizado por França et al. (2017), os resultados obtidos afirmam que a imunização no Brasil, no ano de 2014, foi de 99,4% na primeira dose e 58,3% na segunda dose. No entanto, na terceira dose, houve uma queda de 0,4% do público alvo.

Partindo desse pressuposto, busca-se estratégias que favoreçam uma melhor cobertura vacinal, como a disponibilidade de informação e divulgação a respeito da vacina, conscientizando as famílias da importância da prevenção da infecção pelo HPV, principalmente entre as meninas (FRANÇA et al., 2017).

Nesse contexto, em pesquisa realizada com estudantes de enfermagem, os resultados apontam para a importância da orientação sobre sexualidade em todas as suas dimensões, pois esta contribuiu para a formação profissional e também pessoal de cada estudante, minimizando tabus e esclarecendo dúvidas (BRÊTAS; OHARA; QUERINO, 2008).

Portanto, a enfermagem é uma classe profissional que se preocupa com as ações de educação em saúde, e que pode trabalhar com jovens em diferentes setores e segmentos sociais, com o objetivo de prevenir a exposição ao risco (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

Considerando o aumento da incidência e disseminação do vírus HPV e confirmando que a iniciação sexual entre os adolescentes está cada vez mais precoce, este estudo trata de um tema atual e preocupante para a saúde coletiva. Espera-se que o presente estudo permita ampliar este campo de conhecimento para embasar a prática assistencial do enfermeiro, com vistas à educação em saúde.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a produção científica disponível sobre o conhecimento do adolescente sobre o HPV.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o conhecimento do adolescente frente o HPV e seus métodos de prevenção.
- Buscar a importância das influências sociais para o conhecimento do HPV.
- Demonstrar a prática de educação em saúde como instrumento para auxiliar na disseminação de informações entre os adolescentes.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, possibilitando a análise de publicações disponíveis para ampliar o conhecimento sobre uma determinada temática (BUBLITZ et al., 2012). Trata-se de uma metodologia que promove a síntese do conhecimento e a integralização da aplicação dos resultados de estudos que na prática foram significativos (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

O termo integrativo, já sugere que se trata de integração de opiniões. Neste caso, a revisão integrativa utiliza como fonte, os resultados de pesquisas já publicadas por outros autores, com o objetivo de fundamentar teorias sobre um determinado tema (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

De modo geral, é um trabalho composto por seis etapas, na qual a atenção e sistematização devem ser prioridades, já que uma vez sendo realizada de maneira contrária, a margem de erros torna-se significativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Primeira etapa: consiste na definição do tema e seleção da questão da pesquisa. É onde se define o tema a ser trabalhado, os objetivos, as palavras-chave, bem como o banco de dados a ser utilizado.

Segunda etapa: considera a definição dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos disponíveis. Ou seja, logo após a definição da pergunta da pesquisa, o pesquisador deve ser criterioso para afunilar a quantidade ampla de artigos que encontrar. Seus critérios devem ser claros e objetivos.

Terceira etapa: trata-se da identificação dos estudos selecionados. É nessa etapa que, através de uma leitura minuciosa e criteriosa dos títulos, se define o tipo de informação que será extraída dos estudos selecionados.

Quarta etapa: é considerada a categorização dos estudos selecionados: Trata-se da extração de dados dos artigos selecionados. Deve-se analisar separadamente os artigos para melhor análise das informações retiradas dos textos.

Quinta fase: considera a análise e interpretação de resultados. Interpreta-se e discutem-se os resultados dos estudos selecionados, procurando explicações para os conflitos que surgiram durante a elaboração do trabalho, bem como as suas similaridades.

Sexta etapa: caracteriza-se pela apresentação da revisão. Esta apresentação deve ser clara e completa, expondo todos os resultados obtidos com a pesquisa, permitindo também que o leitor possa fazer uma avaliação crítica do trabalho. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

3.2 QUESTÃO NORTEADORA DO ESTUDO

A fase da adolescência é cercada por inúmeras dúvidas envolvendo o tema sexualidade. Em uma tentativa de controlar a disseminação do HPV, o governo federal lança a vacina contra o vírus, a ser administrado gratuitamente entre os adolescentes.

Assim, surgiu o seguinte questionamento: *“quais são as evidências científicas disponíveis na literatura acerca do conhecimento dos adolescentes frente ao HPV?”*

3.3 LOCAIS DO ESTUDO

Os locais de escolha para a seleção do material foram as bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e BDEF (Bases de Dados em Enfermagem). A opção por estes locais deu-se pela atualização periódica das revistas científicas indexadas, bem como a disponibilidade de artigos originais nos idiomas português e espanhol.

3.4 CRITÉRIOS PARA INCLUSÃO E/OU EXCLUSÃO DOS ESTUDOS

A coleta de dados foi realizada no mês de abril de 2018, a partir dos seguintes descritores, todos selecionados pelo banco de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): HPV, adolescente e enfermagem.

Como critérios de inclusão, foram utilizadas as seguintes informações:

- artigos originais publicados na íntegra, abordando população entre 12 a 18 anos (considerada a faixa etária de adolescência estabelecida pelo ECA);
- entre o período de 2007 a 2017;
- no idioma português e espanhol;

- e que estivesse de acordo com os objetivos propostos pelo presente estudo.

Por outro lado, como critérios de exclusão foram empregados:

- trabalhos científicos publicados na forma de resumo;
- anterior ao ano de 2007;
- e publicado no idioma inglês língua estrangeira.

3.5 INSTRUMENTO PARA A COLETA DOS DADOS

Como instrumento para a coleta dos dados utilizou-se o roteiro elaborado e validado por Ursi (2005), o qual foi mencionado por Pedersoli (2009) (Anexo A). Esta ferramenta foi adaptada para a presente pesquisa, considerando as seguintes características: dados de identificação do estudo e principais evidências científicas apresentadas.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada de maneira criteriosa, através da leitura exaustiva e repetitiva dos artigos científicos selecionados. Por meio das informações extraídas foi possível analisar e comparar os resultados e evidências encontrados pelos autores. Vale lembrar que é através da leitura dos estudos selecionados que se extraem as informações necessárias para dar sequência à pesquisa.

Considerando o exposto por Mendes, Silveira e Galvão (2008), a análise das evidências científicas deve ser realizada de forma crítica, buscando explicações para os resultados. Ou seja, a competência clínica do revisor leva a avaliação crítica do conteúdo e auxilia na tomada de decisões, podendo, assim, gerar recomendações para a prática.

Dessa forma, segundo a classificação de Gil (2002), a realização da leitura pode ser classificada como:

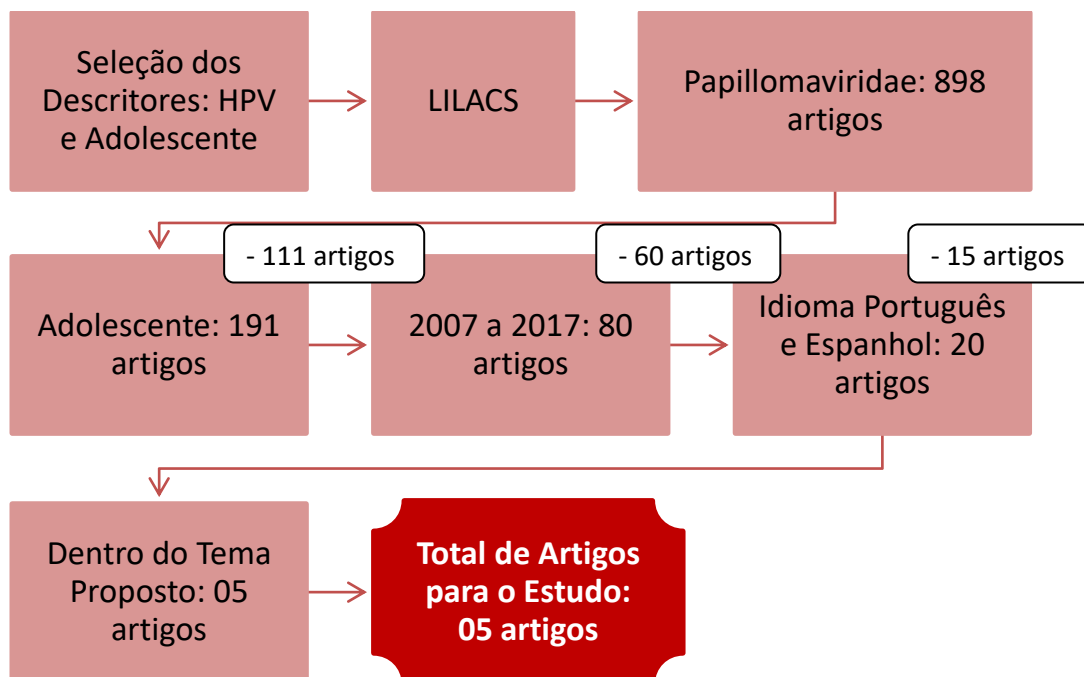
- Leitura Exploratória: tem o intuito de explorar todo material selecionado e extrair de cada evidência o que realmente interessa para a pesquisa.
- Leitura Seletiva: permite ao pesquisador encontrar lacunas ainda existentes na literatura, sobre o tema abordado.

- Leitura Analítica: seu objetivo é sumarizar informações e possibilitar respostas às indagações, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa. A leitura seletiva é de natureza crítica, porém deve ser desenvolvida com bastante objetividade.
- Leitura Interpretativa: seu objetivo é solucionar os problemas encontrados, permitindo comparações dos resultados e apontando suas similaridades e disparidades entre as informações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

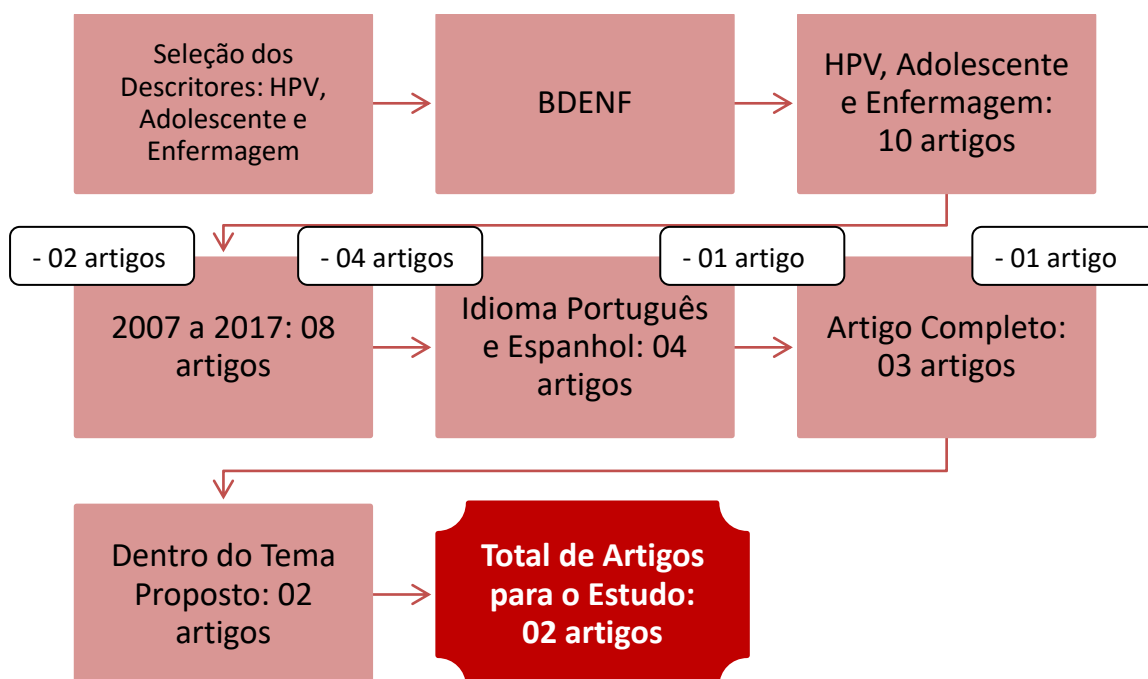
4.1 ORGANOGRAMA PARA A SELEÇÃO DOS ARTIGOS

Figura 1 – Organograma para a Seleção dos Artigos – Base de Dados LILACS



Fonte: Dados coletados pela autora (2018)

Figura 2 – Organograma para a Seleção dos Artigos – Base de Dados BDENF



Fonte: Dados coletados pela autora (2018)

Juntando os artigos de ambas as bases de dados, a amostra do estudo constituiu-se de sete artigos para análise e comparação dos resultados.

4.2 APRESENTAÇÃO DA SÍNTESE DOS ARTIGOS INCLUÍDOS NA REVISÃO INTEGRATIVA

Após a seleção dos artigos para o estudo, estes passaram por leitura exhaustiva e minuciosa para a extração das principais informações inerentes ao conhecimento do adolescente sobre o HPV (Quadro 1).

Quadro 1 – Apresentação dos Artigos Seleccionados para o Estudo

Ordem	Autores	Título do Artigo	Objetivo do Estudo	Principais Contribuições
Artigo 01	CALABRES et al. (2009)	Conocimiento sobre el virus del papiloma humano en estudiantes de enfermería	Determinar o conhecimento sobre o HPV em estudantes de enfermagem.	- Nível de conhecimento dos adolescentes; - Relação conhecimento/idade.
Artigo 02	CIRINO; NICHATA; BORGES (2010)	Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes	Identificar o conhecimento, atitude e prática na prevenção do câncer de colo uterino e infecção pelo HPV na população adolescente.	- Fatores de risco; - Início precoce da atividade sexual; - Prevenção contra o câncer cérvico-uterino.
Artigo 03	URRUTIA et al. (2012)	Conocimientos y conductas preventivas sobre cáncer cérvico-uterino y virus papiloma humano en un grupo de adolescentes chilenas	Descrever o grau de conhecimento de um grupo de adolescentes sobre o câncer cérvico-uterino e o HPV e a sua relação com as condutas preventivas.	- Falta de conhecimento dos adolescentes sobre o HPV; - Prevenção das ISTs.
Artigo 04	COSTA; GOLDENBERG (2013)	Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta	Levantar o conhecimento do HPV e práticas preventivas entre jovens.	- Nível de conhecimento dos adolescentes; - Uso da contraceção; - Conhecimento e prevenção das ISTs.

Artigo 05	NASCIMENTO et al. (2013)	O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV	Avaliar o conhecimento dos jovens do terceiro ano do ensino médio de 17 escolas da rede pública do município de Picos, Estado do Piauí, região nordeste do Brasil, sobre o HPV.	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da educação em saúde; - Importância do atendimento multidisciplinar.
Artigo 06	RODRÍGUEZ; MARTÍNEZ; TEJADA (2016)	Promoción de la salud sexual ante el riesgo del virus del papiloma humano en adolescentes	Implementar um projeto que visa a promoção da saúde sexual como uma alternativa para o risco de papilomavírus humano (HPV) na adolescência.	<ul style="list-style-type: none"> - Importância das influências sociais; - Utilização da criatividade; - Participação da comunidade; - Falta de conhecimento dos adolescentes.
Artigo 07	CONTRERAS-GONZÁLEZ et al. (2017)	Nivel de conocimientos en adolescentes sobre el virus del papiloma humano	Determinar o nível de conhecimentos de adolescentes de uma escola preparatória sobre o papilomavírus humano.	<ul style="list-style-type: none"> - Fatores de risco; - Importância da educação em saúde; - Falta de conhecimento dos adolescentes.

Fonte: Dados coletados pela autora (2018)

4.3 CATEGORIZAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

Após a leitura dos artigos e a coleta das informações, aplicou-se a categorização dos estudos, classificando-os através de suas similaridades e disparidades, buscando alcançar o objetivo da pesquisa (Figura 2).

Figura 3 – Formação das Categorias Temáticas



Fonte: Dados coletados pela autora (2018)

4.3.1 O Conhecimento dos Adolescentes Sobre o HPV

Os resultados dos estudos apontam para o despreparo e desconhecimento dos adolescentes quando o assunto é HPV e considerando a faixa etária de 12 a 18 anos. De acordo com Nascimento et al. (2013), a falta de orientação adequada está cada vez mais presente entre os jovens brasileiros. Isso ocorre principalmente nas regiões do norte e nordeste. Especificamente sobre o HPV, as orientações e informações são consideradas falhas. Costa e Goldenberg (2013) acrescentam que este conhecimento é maior em alunos do terceiro ano do ensino médio, comparados aos alunos do primeiro ano escolar. Apenas no estudo apresentado por Calabres et

al. (2009), os autores apontam um conhecimento satisfatório sobre o HPV, variando entre bom e excelente.

De modo geral, é possível afirmar que grande parte dos adolescentes já ouviu falar sobre o HPV, porém, possuem conhecimentos limitados quanto à sua transmissão, desenvolvimento de doenças associadas e sobre suas formas de prevenção (COSTA; GOLDENBERG, 2013). Contreras-González et al. (2017) enfatizam que o erro é ainda maior quando os adolescentes são questionados sobre os fatores de riscos determinantes para a ocorrência da infecção pelo HPV.

Os adolescentes estão tendo o início da vida sexual de forma cada vez mais precoce. A literatura afirma que a média entre os meninos é de 15 a 16 anos de idade; já entre as meninas esta média de idade varia entre 16 a 17 anos (COSTA; GOLDENBERG, 2013). Este fator se torna um agravante para o desenvolvimento do HPV, quando leva-se em consideração a imaturidade dos tecidos (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010; URRUTIA et al., 2012).

De fato, em um estudo realizado por Contreras-González et al. (2017) os resultados apontam que somente 58% dos adolescentes entrevistadas reconhecem a iniciação precoce da atividade sexual como um fator de risco para a infecção pelo HPV.

A maioria dos jovens alega já ter tido, pelo menos uma vez, alguma IST. Dentre elas, destaca-se a candidíase e o HPV. Desta forma, é possível perceber a falha no conhecimento dos adolescentes quando o assunto é a prevenção das ISTs (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010). Em outro estudo, as evidências afirmam que o HPV surge em quarto lugar quando o assunto é ISTs conhecidas e citadas pelos adolescentes (COSTA; GOLDENBERG, 2013).

Outro dado dos artigos selecionados diz respeito aos métodos de barreira. Quando os adolescentes são questionados sobre o assunto, o mais citado é o preservativo masculino, seguido do contraceptivo oral. Questionados sobre o motivo do uso, as respostas se alternam entre “evitar uma gravidez indesejada”, “prevenção contra o HIV” e “a multiplicidade de parceiros sexuais” (GONZALEZ et al., 2017). Desse modo, percebe-se que a prevenção das ISTs, de modo geral, não possui relevância nas falas dos adolescentes.

Em contrapartida, destaca-se o grande número de adolescentes que nega o uso de preservativo ou qualquer outro método preventivo/contraceptivo. Mesmo a causa sendo os acontecimentos inesperados ou a pseudo confiança no parceiro,

isso mostra o despreparo e a maneira como se expõem aos riscos de contrair uma IST (COSTA; GOLDENBERG, 2013).

Esta falta do uso de preservativo nas relações sexuais, na fala dos próprios adolescentes, deve-se a diminuição da sensibilidade e da sensação de prazer que o uso do preservativo masculino causa (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010; NASCIMENTO et al., 2013).

Em relação ao conhecimento sobre a prevenção ao HPV, especificamente falando, para Cirino, Nichiata e Borges (2010), os resultados mostram que não existe um conhecimento suficiente sobre a importância e finalidade do exame Papanicolaou. Isso faz com que a procura do mesmo entre as adolescentes seja baixa. A falta de adesão a esse exame é justificada por elas principalmente por se tratar de um exame constrangedor para a mulher, por vergonha e/ou medo.

A maneira como o HPV é transmitida na visão dos adolescentes que participaram dos estudos é equivocada já que a maioria refere como meio de transmissão exclusivamente o contato sexual ou, ainda, respostas envolvendo a via sanguínea como porta de entrada para o microorganismo (COSTA; GOLDENBERG, 2013). Os jovens também têm a falsa ideia de relação de infidelidade com a transmissão do vírus, ou seja, alegam que somente o homem transmite o vírus (RODRÍGUEZ; MARTÍNEZ; TEJADA, 2016). Informação, esta, considerada equivocada, já que a mulher também pode ser portadora do vírus.

Além disso, os resultados revelam que os adolescentes acreditam na relação do câncer cérvico-uterino com alguma alteração genética ou, simplesmente, desconhecem as complicações advindas da infecção pelo HPV (URRUTIA et al., 2012; COSTA; GOLDENBERG, 2013).

Com este estudo é nítido o despreparo dos adolescentes, quando o assunto é “vida sexual segura”. Os jovens estão acelerando o processo de sexualidade e precocemente iniciam sua vida sexual ativa, sem conhecimento algum sobre as consequências de seus atos.

Ressalta-se que esta falta de conhecimento não é exclusividade do HPV, mas sim, de todas as ISTs. Desta forma, é de suma importância que o enfermeiro esteja ciente desta carência da população em questão, para assim poder elaborar estratégias de abordagem a este público, já que a falta de informação pode levar ao aumento gradativo das infecções pelo HPV e, conseqüentemente, os índices de câncer cérvico-uterino na população jovem.

4.3.2 A Importância das Influências Sociais para o Conhecimento do HPV

A curiosidade dos adolescentes, aliada ao acesso de informações com maior facilidade, proporciona a aquisição de informações em qualquer lugar, seja na mídia, internet ou amigos e familiares. Por outro lado, esse fácil acesso às notícias pode influenciar para a obtenção de informações sem embasamento científico ou sem que sua veracidade seja comprovada, o que gera um legado de informações desnecessárias (NASCIMENTO et al., 2013).

Desse modo, sobre a maneira como os adolescentes buscam as informações quando o assunto é ISTs, os mesmos alegam pouco apoio no âmbito familiar, uma vez que seus pais encaram a situação como um incentivo a iniciação precoce da atividade sexual de seus filhos (RODRÍGUEZ; MARTÍNEZ; TEJADA, 2016).

Nesse contexto, Cirino, Nichiata, Borges (2010) observaram a influência positiva em relação a escolaridade e renda dos pais. Ou seja, eles afirmam que quanto maior o nível de escolaridade e renda familiar, maior será o grau de instrução passado pelos pais, sobre ISTs e HPV, aos adolescentes. Já Costa e Goldenberg (2013) encontraram uma grande proporção de adolescentes, já com vida sexual ativa, que preferem falar com familiares para esclarecer dúvidas sobre o assunto, comparado aos amigos.

Outro ponto que parece ganhar destaque entre os adolescentes são as mídias sociais. Os adolescentes referem obter informações sobre as ISTs, incluindo o HPV, através dos meios de comunicação. Entretanto, a literatura afirma que nem sempre as informações obtidas são corretas, de certa forma, podem ser consideradas até duvidosas, já que não possuem bases científicas, como é o caso da internet e a televisão (NASCIMENTO et al., 2013).

Os mesmos autores acrescentam que as propagandas com caráter de disseminar a prática de orientações sobre a prevenção das ISTs, veiculadas pela mídia televisiva, ocorrem em períodos específicos como, por exemplo, durante o carnaval. Porém, não há uma campanha a longo prazo para conscientização e erradicação dessas doenças (NASCIMENTO et al., 2013).

Rodríguez, Martínez e Tejada (2016) ainda levantam o problema das informações repassadas nas redes sociais, no qual os adolescentes sem

conhecimento suficiente acabam se tornando referência para outros jovens na busca por informações sobre as ISTs e o HPV.

As escolas e os serviços de saúde devem ser considerados como fontes formadoras e disseminadoras de conhecimentos. Entretanto, esta observação não é realizada entre os adolescentes. Apesar dos estudos relacionados com a população adolescente serem realizados no âmbito escolar, os jovens não consideram a escola como fonte de informação (NASCIMENTO et al., 2013).

A falta de formação e informação alegada pelos alunos nos estudos, pode indicar a falta de comprometimento e preocupação da área de educação frente a saúde, neste caso, enfatizando a saúde sexual dos jovens. Segundo Nascimento et al. (2013) as escolas estão despreparadas para atender a necessidade da população no âmbito da saúde preventiva, sexualidade e orientação sexual.

Nesse caso, Contreras-González et al. (2017) elencam em seu estudo a necessidade da intervenção da escola em assuntos voltados para as práticas sexuais e métodos de contracepção, uma vez que os adolescentes se dizem mais confortáveis nesse ambiente. Ainda, os mesmos autores sugerem que os temas sejam trabalhados com divisão de grupos por gênero, dividindo assim as meninas, dos meninos, tirando o foco somente das mulheres, como a maioria das pesquisas direcionam. Esta abordagem pode facilitar o esclarecimento de dúvidas, mitos e tabus que envolvem o assunto sexualidade.

Além disso, a orientação sexual deve ser instituída como tema transversal nas disciplinas das instituições de educação básica, onde a escola é apontada pelo Ministério da Educação como um importante instrumento para veicular informação sobre formas de evitar gravidez e de se proteger contra as ISTs (NASCIMENTO et al., 2013).

Costa e Goldenberg (2013) se deparam somente com uma pequena parte dos adolescentes que procuram os profissionais da escola para conversar sobre o tema, alegando terem mais confiança nestes, devido ao ambiente e ao papel que desempenham, o de educadores. Cirino, Nichiata e Borges (2010) enfatizam a dificuldade do entendimento dos adolescentes, quanto ao tipo de linguagem utilizada nas campanhas preventivas às ISTs, incluindo o HPV, considerando os meios de comunicação mais acessados pelos jovens, como a internet.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

instruem que, ao tratar sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis os professores e professoras não devem acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte, mas fornecer informações sobre as doenças, como por exemplo, o HPV, e terem como foco a promoção da saúde e a prática de condutas preventivas. Então, desenvolver ações de prevenção voltadas para adolescentes é uma prioridade para o controle do HPV (NASCIMENTO et al., 2013, p. 234).

Outro dado que surge nos estudos é a confiança no parceiro como fonte de informação segura para a troca de conhecimentos. Rodríguez, Martínez e Tejada (2016) levantam a confiança no parceiro e o diálogo existente entre eles como método escolhido para obter dados sobre o assunto sexualidade. Costa e Goldenberg (2013) acrescentam que os adolescentes preferem a troca de informações em conversas informais entre amigos.

Por fim, um dos estudos apresenta uma boa proporção de adolescentes, especialmente do sexo feminino, que buscam ajuda em setores da saúde, para o esclarecimento de dúvidas, como evitar uma gravidez indesejada e a realização do exame Papanicolaou. Entre os adolescentes do sexo masculino, quando citam a procura pelo profissional da saúde, os motivos giram em torno do tratamento de alguma IST ou informações sobre como prevenir-se das mesmas (COSTA; GOLDENBERG, 2013).

Sendo assim, é mais que necessária a interferência e colaboração dos profissionais de saúde, principalmente do enfermeiro, em atuação conjunta com o setor de educação, já que estas são as pessoas de maior qualificação para repassar o conhecimento e esclarecer dúvidas sobre as ISTs, incluindo o HPV, os métodos de barreira, a importância do exame Papanicolaou e da vacina de proteção contra o HPV, entre outros.

4.3.3 A Prática de Educação em Saúde como Ferramenta Auxiliar no Controle do HPV

Para o controle do HPV, uma das ferramentas primordiais é a prática de educação em saúde. A realização de palestras educativas com a comunidade adolescente pode favorecer o entendimento das consequências da presença de uma IST, bem como as suas medidas de prevenção, principalmente em se tratando do HPV (CALABRES et al., 2009).

O trabalho de educação em saúde e de orientação sexual com jovens adolescentes é imprescindível para se realizar a prevenção sobre as ISTs. Importante destacar que o ambiente escolar é um meio apropriado para o desenvolvimento de atividades dinâmicas, interativos e de socialização entre todos os envolvidos no trabalho dessa temática (NASCIMENTO et al., 2013).

Nesta abordagem, é fundamental que os projetos de educação em saúde para adolescentes contemplem o tema sobre a associação do vírus HPV com o câncer de colo uterino, levando em consideração o fato dos adolescentes terem o início precoce da atividade sexual e o número de parceiros sexuais ser maior, aumentando o risco de uma simples infecção pelo vírus se transformar rapidamente em um carcinoma (URRUTIA et al., 2012).

Esta necessidade de informação é ressaltada na pesquisa de Cirino, Nichiata e Borges (2010), uma vez que as jovens participantes apontam a falta de informação como motivo principal da não procura e falta de realização do exame preventivo Papanicolaou. Já que as adolescentes não conhecem o motivo de sua realização, isso leva a falta de adesão ao procedimento.

Quando o assunto sexualidade é abordado no âmbito escolar, os jovens criticam que os temas abordados em matérias e programas de prevenção as ISTs são caracterizados como repetitivos, não atraindo a atenção deste público. Os mesmos sugerem que os sistemas de saúde e educação utilizem mais da criatividade para chegar até eles, fazendo, por exemplo, uso da arte teatral e das redes sociais na abordagem destas questões. Além disso, ressalta-se que os próprios profissionais de saúde não utilizam a metodologia ideal para difundir o assunto. Portanto, a integração serviço de saúde e educação deve ser considerada quando o assunto é realização da prática de educação em saúde (RODRÍGUEZ; MARTÍNEZ; TEJADA, 2016).

Diante dos estudos apresentados e da falta de conhecimento que os jovens têm sobre o tema HPV, fica nítido como se trata de uma novidade para eles (COSTA; GOLDENBERG, 2013). Urrutia et al. (2012) ainda ressaltam a importância da divulgação e esclarecimento sobre a vacina contra o HPV, que poucos adolescentes dizem conhecer e pode ser uma grande arma na luta contra a infecção pelo HPV e, conseqüentemente, na prevenção do câncer de colo uterino.

A necessidade de explorar mais detalhadamente o conhecimento dos adolescentes sobre o tema, para Contreras-González et al. (2017) e Cirino, Nichiata

e Borges (2010), é o passo principal para a mudança na forma como o setor da saúde e educação abordam estes jovens. A forma de conscientização estabelecida pode ser pontual para que esses possam desenvolver o seu senso crítico e tomar decisões sobre qual é a melhor forma de prevenção contra o HPV e as demais ISTs. Para Calabres et al. (2009), quando a instrução repassada aos adolescentes de forma correta, este é o momento propício para se cobrar responsabilidade sexual desta população.

Os profissionais de educação por sua vez, se dizem despreparados para esse tipo de abordagem com seus alunos. Em caráter emergencial, a junção de profissionais da área da saúde, como o profissional enfermeiro, tanto para atuar como o facilitador nessa abordagem, quanto para realização da abordagem em si, torna a responsabilidade da promoção em saúde no ambiente escolar (NASCIMENTO et al., 2013).

Por isso, torna-se essencial o trabalho multidisciplinar, a junção dos profissionais da área de saúde para abordar assuntos envolvendo a área da adolescência, e os profissionais da educação, que por conhecerem melhor e conviverem com os adolescentes diariamente, inspiram mais liberdade aos mesmos (NASCIMENTO et al., 2013).

Além disso, ressalta-se que, pensando no fator econômico, investir na educação em saúde com os adolescentes, no âmbito escolar, torna-se o meio mais barato para a prevenção de ISTs (URRUTIA et al., 2012). Esta prática de educação em saúde deve ser realizada com linguagem de fácil entendimento, utilizando-se de meios e métodos novos, mais explicativos, com informações diferenciadas, que instiguem a participação dos jovens nas atividades pode auxiliar na desmistificação de mitos e tabus sobre os exames preventivos e permitir a ampliação do conhecimento referente ao HPV (CIRINO; NICHIATA; BORGES, 2010).

De maneira geral, a integração entre o serviço de saúde e o ambiente escolar deve ganhar cada vez mais espaço na troca de informações. Ou seja,:

esse trabalho de reflexão de sua própria práxis pode e deve ganhar reforço através da parceria com as universidades públicas, mediante a práxis efetiva da indissociabilidade do ensino/pesquisa/extensão, possibilitando o diálogo entre a Universidade e a rede pública de ensino, a atualização da produção teórica-científica sobre a educação e o ensino pela academia, a preparação e aprendizado mais significativo e de extrema relevância para o estudante universitário, a formação contínua e transformadora dos professores em exercício na rede pública de ensino e a criação de uma perspectiva de formação humana integral e integrada as reais necessidades

humanas, contribuindo para a construção de uma visão de mundo e mudança – enquanto metanóia, que significa uma mudança radical de vida e mentalidade – atitudinal mais condizente com o tipo de mundo e de homem que queremos criar (NASCIMENTO et al., 2013, p. 236).

Em suma, observa-se a necessidade da interação entre os profissionais de educação diretamente ligados aos adolescentes e os profissionais da saúde, como fonte provedora de informação e pessoa de referência quando o assunto é se referir a temas ligados a sexualidade.

Os estudos analisados informam que os métodos utilizados até então para realizar a abordagem dos jovens, são citados por eles como ultrapassados e cheios de informações repetitivas. Nesse sentido, a inovação do modo de abordagem e os meios vinculados tornam-se o principal passo para a reformulação da educação em saúde com foco multidisciplinar, buscando a colaboração da escola nas atividades realizadas para estes fins.

5 CONCLUSÕES

Conforme os resultados descritos, a falta de conhecimento dos adolescentes frente à infecção pelo HPV torna-se preocupante e alarmente, já que estamos falando de uma IST, que quando não diagnosticada precocemente e tratada de forma correta, pode evoluir para um câncer cérvico-uterino.

Dessa forma, os adolescentes tornam-se um grupo de risco suscetível para o desenvolvimento de uma IST, como o HPV, não somente por esta falta de conhecimento, mas também pela iniciação precoce da vida sexual sem a devida proteção. A não utilização dos métodos de barreira durante as relações sexuais, a troca constante de parceiros, a falta de realização dos exames preventivos e a não adesão ao calendário de imunização expõem os jovens constantemente à contraírem o HPV.

Vale ressaltar que a fase da adolescência é caracterizada pela presença de dúvidas e anseios, com momentos de autoafirmação e conhecimento sobre si. É nesta fase da vida que começam a surgir curiosidades referentes à sexualidade. Na busca de informação, visando sanar suas dúvidas, e com o acesso facilitado à informação, os adolescentes elegem a internet e a televisão, como referência de conhecimento sobre as ISTs.

Sabe-se que na corrida por visualização e fama, esses ambientes midiáticos que os adolescentes recorrem, na sua grande maioria, não trazem informações seguras e verdadeiras. O que agrava esta situação citada acima, é que muitos desses adolescentes, que não buscam a veracidade dos assuntos, tornam-se referência de conhecimento e formação para outros adolescentes, o que gera uma cadeia influenciável de pessoas com pouco conhecimento ou conhecimento errôneo.

Além disso, a falta de diálogo no ambiente familiar, escolar e a baixa procura pelo serviço de saúde especializado, seja por medo ou vergonha, levanta a problemática de que o assunto “sexualidade”, mesmo nos dias de hoje, ainda é tratado com preconceito, rodeado de mitos e tabus.

Nesse sentido, percebe-se a importância da adesão do trabalho multidisciplinar em saúde sexual, envolvendo profissionais do âmbito escolar, representado pelos professores, e profissionais da área da saúde, representado principalmente pelo enfermeiro. Além de dividir as responsabilidades na formação

dos adolescentes e para melhor eficácia do projeto, seria de grande valia a participação da comunidade em geral.

Sendo assim, a inovação no modo de se realizar a educação em saúde e a mudança dos métodos utilizados na abordagem aos adolescentes é necessário e urgente, já que os adolescentes criticam a repetitividade dos assuntos, da utilização de uma linguagem de difícil entendimento e o uso de meios de comunicação que não seguram a atenção dos jovens.

De modo geral, mesmo se tratando de um problema de saúde coletiva, bastante discutido no meio científico, ainda os estudos sobre o assunto são considerados escassos, mesmo o presente estudo incluindo artigos nos idiomas português e espanhol.

Nesse sentido, vê-se a importância da pesquisa científica realizada com adolescentes e abre uma lacuna ainda a ser explorado, com grande potencial de colaboração para facilitar o trabalho do enfermeiro. Tais condições permitem mostrar as deficiências no conhecimento sobre a infecção pelo HPV, e direcionar o caminho a ser explorado, auxilia no esclarecimento sobre a finalidade e, conseqüentemente, a minimização das dúvidas envolvendo o procedimento de Papanicolaou e facilita a explicação da eficácia que a vacina contra o HPV tem como método preventivo.

Portanto, pode-se inferir que a atuação constante do enfermeiro pode contribuir de maneira efetiva no controle do HPV, seja na função de prestar assistência aos adolescentes por meio da consulta de enfermagem, seja na função de educador em saúde, orientando sobre os métodos preventivos e esclarecendo as dúvidas pertinentes a esta temática.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. N. S. et al. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 849-60, 2018.
- AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 8, n. 1, p. 163-71, 2015.
- ARAUJO, T. M. E. et al. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. **Rev. Enferm. UERJ**, v. 12, n. 2, p. 242-7, 2012.
- BARRETO, A. C. M.; SANTOS, R. S. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 13, n. 4, p. 806-16, 2009.
- BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. C.; BARROSO, M. G. T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 12, n. 3, p. 522-8, 2008.
- BEZERRA, S. J. S. et al. Perfil de mulheres portadoras de lesões cervicais por HPV quanto aos fatores de risco para câncer de colo uterino. **J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, v. 17, n. 2, p. 143-8, 2005.
- BORSATTO, A. Z.; VIDAL, M. L. B.; ROCHA, R. C. N. P. Vacina contra o HPV e a Prevenção do Câncer do Colo do Útero: subsídios para a prática. **Rev. Bras. Cancerol.**, v. 57, n. 1, p. 67-74, 2011.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-36, 2011.
- BOUZAS, I.; PACHECO, A.; EISENSTEIN, E. Orientação dos principais contraceptivos durante a adolescência. **Adolesc. Saúde**, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica. HIV/AIDS, Hepatites e outras DST**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; QUERINO, I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. **Acta Paul. Enferm.**, v. 21, n. 4, p. 568-74, 2008.
- BUBLITZ, S. et al. Estresse em estudantes de enfermagem: uma revisão integrativa. **Rev. Enferm. UFSM**, v. 2, n. 3, p. 530-8, 2012.

CALABRES, M. S. O. et al. Conocimiento sobre el virus del papiloma humano en estudiantes de enfermería. **Rev. Obstet. Ginecol. Venez.**, v. 69, n. 3, p. 179-85, 2009.

CESAR, A. J. et al. Fatores associados a não realização de exame citopatológico de colo uterino no extremo sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1365-72, 2003.

CIRINO, F. M. S. B.; NICHATA, L. Y. I.; BORGES, A. L. V. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 14, n. 1, p. 126-34, 2010.

CONTRERAS-GONZÁLEZ, R. et al. Nivel de conocimientos en adolescentes sobre el virus del papiloma humano. **Enfermería Universitaria**, v. 14, n. 2, p. 104-10, 2017.

COSTA, L. A.; GOLDENBERG, P. Papilomavírus Humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. **Saúde Soc.**, v. 22, n. 1, p. 249-61, 2013.

FERREIRA, M. L. S. M. Motivos que influenciam a não-realização do exame de papanicolaou segundo a percepção de mulheres. **Esc. Anna Nery**, v. 13, n. 2, p. 378-84, 2009.

FRANÇA, S. B. et al. Adesão das adolescentes à campanha de vacinação contra o Papiloma Vírus Humano: no Brasil, Minas Gerais e microrregião da Serra Geral. **Rev. Unimontes Científica**, v. 19, n. 1, p. 2-12, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRABBE, E. C. et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Revista Interdisciplinar Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 1, p. 75-84, 2016.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

NASCIMENTO, M. V. et al. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 34, n. 2, p. 229-38, 2013.

OLIVEIRA, M. C. et al. HPV e carcinogênese oral: revisão bibliográfica. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.**, v. 69, n. 4, p. 553-9, 2003.

PANOBIANCO, M. S. et al. O conhecimento sobre HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 22, n. 1, p. 201-7, 2013.

PEDERSOLI, C. E. **O uso da máscara laríngea pelo enfermeiro na ressuscitação cardiopulmonar: revisão integrativa da literatura.** 2009. 122f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

PEREIRA, R. G. V. et al. A influência do conhecimento na atitude frente à vacina contra o Papilomavírus Humano: ensaio clínico randomizado. **ABCS Health Sci.**, v. 41, n. 2, p. 78-83, 2016.

POTTER, P. A.; PERRY, A. G. **Fundamentos de enfermagem.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

RODRÍGUEZ, O. A. P.; MARTÍNEZ, S. L. M.; TEJADA, D. M. G. Promoción de la salud sexual ante el riesgo del virus del papiloma humano en adolescentes. **Hacia Promoc. Salud**, v. 21, n. 2, p. 74-88, 2016.

ROEHRS, H.; MAFTUM, M. A.; ZAGONEL, I. P. S. Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 44, n. 2, p. 421-8, 2010.

SILVA, S. L. et al. Conhecimento dos acadêmicos de medicina acerca do HPV e do câncer de colo uterino. **Saúde**, v. 43, n. 2, p. 125-36, 2017.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-6, 2010.

URRUTIA, M. T. et al. Conocimientos y conductas preventivas sobre cáncer cérvico-uterino y virus papiloma humano en un grupo de adolescentes chilenas. **Rev. Chil. Infectol.**, v. 29, n. 6, p. 600-6, 2012.

ZANINI, N. V. et al. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. **Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade**, v. 12, n. 39, p. 1-13, 2017.

ZARDO, G. P. et al. Vacina como agente de imunização contra o HPV. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3799-808, 2014.

ANEXO

ANEXO A – Instrumento para a Coleta de Dados

FONTE: URSI, 2005 apud PEDERSOLI, 2009

1 – IDENTIFICAÇÃO

Título do Artigo:

Título do Periódico:

Autores – Nome:

Local de Trabalho:

Graduação:

Ano de Publicação:

2 – INSTITUIÇÃO SEDE DO ESTUDO

Hospital:

Universidade:

Centro de Pesquisa:

Instituição Única:

Pesquisa Multicêntrica:

Outras Instituições:

Não Identifica o Local:

3 – TIPO DE REVISTA CIENTÍFICA

Publicação de Enfermagem Sobre a Seguinte Especialidade:

4 – CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS DO ESTUDO

1. TIPO DE PESQUISA	1.1 Pesquisa <input type="checkbox"/> Abordagem quantitativa <input type="checkbox"/> Delineamento experimental <input type="checkbox"/> Delineamento quase-experimental <input type="checkbox"/> Delineamento não experimental <input type="checkbox"/> Abordagem qualitativa 1.2 Não Pesquisa <input type="checkbox"/> Revisão de literatura <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Outras. Qual? _____
2. OBJETIVO OU QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO	
3. AMOSTRA	3.1 SELEÇÃO: <input type="checkbox"/> randômica <input type="checkbox"/> conveniência <input type="checkbox"/> outra 3.2 TAMANHO (n): inicial _____ final _____
4. TRATAMENTO DOS DADOS	

5. INTERVENÇÕES REALIZADAS	<p>5.1 VARIÁVEL INDEPENDENTE (INTERVENÇÃO):</p> <p>5.2 VARIÁVEL DEPENDENTE:</p> <p>5.3 GRUPO CONTROLE: () sim () não</p> <p>5.4 INSTRUMENTO DE MEDIDA: () sim () não</p> <p>5.5 DURAÇÃO DO ESTUDO:</p> <p>5.6 MÉTODOS EMPREGADOS PARA MENSURAÇÃO DA INTERVENÇÃO:</p>
6. RESULTADOS	
7. ANÁLISE	<p>7.1 TRATAMENTO ESTATÍSTICO:</p> <p>7.2 NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA:</p>
8. IMPLICAÇÕES	<p>8.1 AS CONCLUSÕES SÃO JUSTIFICADAS COM BASE NOS RESULTADOS?:</p> <p>8.2 QUAIS SÃO AS RECOMENDAÇÕES DOS AUTORES:</p>
9. NÍVEL DE EVIDÊNCIA	